

Schopenhauer e a filosofia da moral crítica: rumo à ética animal¹

Luana Chrystina Martins Tosta

Graduanda em Filosofia na Universidade Federal do Paraná – UFPR
llithnova648@gmail.com

Resumo: Se uma parte da filosofia ocidental contemporânea passou a considerar os animais não-humanos como dignos de reconhecimento moral, isto se deu em grande parte ao salto no entendimento ético no qual Arthur Schopenhauer contribuiu imensamente. Tal evento se deu da ética racionalista, das aparências, defendida pela filosofia tradicional, para a ética essencialista e extensionista das vivências pensadas pelo filósofo pessimista. Enquanto a ética tradicional baseia-se no ideal de dever – pela abstração, portanto restrito ao “eu”, a prolongar as relações de domínio e expansão da dor – a ética essencialista faz outro caminho. Pela via da intuição, a destronar a razão, é somente ao reconhecimento da unidade entre todos os seres por meio da vontade expressa em sofrimento que a ética pode ser verdadeira e, assim, anti-especista. Para compreender tais afirmações, dispomos do apoio teórico das pensadoras María Jesús Saravia San Martín e de Sônia Felipe.

Palavras chave: Schopenhauer, ética animal, filosofia e moral.

A pseudo ética

Diversos pensadores construíram a filosofia moral tradicional para a qual, até os dias atuais, os animais não-humanos em geral são excluídos. Em linha histórica, tivemos figuras marcantes como S. Tomás de Aquino, para quem os animais são incapazes de possuir o bem, pela presunção de que eles desconhecem a felicidade, de que são irracionais e, ainda, de que não haveria irmandade entre nossas espécies. Mais tarde F. Bacon diria que cabe ao ser

¹ Agradeço profundamente ao professor Luan Corrêa da Silva, do Departamento de Filosofia da UFPR, pelas aulas esclarecedoras sobre Arthur Schopenhauer, pela orientação quanto a correção desse trabalho e pelo incentivo em publicá-lo.

racional e imortal o posto de senhor do mundo, de modo a não deixar nada escapar de seu domínio, “pois a ciência do homem é a medida de sua potência, e o chamado do homem é triunfar sobre a natureza mediante a indústria”². Em seguida, Descartes afirmou que os animais não teriam linguagem e, por isso, não teriam consciência e nem alma, logo não sentiriam dor. J. Locke defendeu que tudo aquilo sobre o qual alguém aplica trabalho torna-se propriedade desse alguém. I. Kant entendeu a razão como base para todos os conceitos morais, de forma que apenas os seres racionais poderiam conceber a representação das leis e se autodeterminar. A dita “pessoa”, segundo Kant, têm um fim em si mesmo; funda-se o imperativo categórico, base da ética, cujo mandamento é que nos relacionemos com a humanidade de forma a vê-la como fim, e nunca como meio de algo. O estatuto de “coisa” é reservado, então, aos seres tidos como irracionais, cuja a falsa tutela a que nós lhes devemos, os “deveres indiretos”, apenas garantem que exercitemos a dignidade para aplicarmos entre nós humanos – criticará arduamente Schopenhauer. Por fim, Hegel considerou que o homem poderia se apropriar das coisas naturais a partir do momento em que este homem as redefinisse idealmente.

Recentemente, há pouco mais de vinte anos, entre tantas novas teorias excludentes que apenas reforçam antigos preceitos, R. G. Frey diria que não há problemas em usar animais em experimentações científicas, pois os animais não possuem crenças, logo não possuem desejos³. Na mesma

² SAN MARTÍN, 2014, p. 9.

³ Reagan o responderia que nós animais cremos na coisa em si, e não na sentença, como por exemplo, o cão que “pede” o osso arranhando a porta do armário onde seu responsável costuma guardar; assim o cão faz não pela sentença, mas apenas

direção de Frey R., Cigman defendeu que apenas os seres desejantes pela consciência de estarem vivos poderiam saber da perda trazida pela morte⁴.

O que une esses pensadores citados é o típico *apartheid* racionalista do qual Descartes tem especial participação. A este filósofo, Schopenhauer dedica um trecho de sua obra, *Sobre o Fundamento da Moral*, para criticar a noção de que os animais não distinguiriam o mundo interno do mundo externo, ou seja, não teriam nenhuma consciência de si; Schopenhauer ainda provoca graciosamente:

Contra tais afirmações sem gosto pode-se apontar para o egoísmo sem limites que habita todo animal, até mesmo *o último e o menor*, que atesta suficientemente como os animais são bem conscientes de seu eu, do mundo ou do não-eu. Se um tal cartesiano se encontrasse entre as garras de um tigre, ele compreenderia o mais claramente qual a diferença marcada que este faz entre seu eu e seu não-eu⁵.

O especismo – fundado no antropocentrismo, defensor de que apenas a espécie dos animais humanos é privilegiada pela consideração moral em detrimento dos animais não-humanos – tem como principal mote o suposto monopólio da razão, que outorgaria aos humanos o poder de domínio sobre todo o planeta. Em concordância, diga-se de passagem, ao livro Gênesis (1, 28) da Bíblia Sagrada; Schopenhauer não deixa de destacar,

porque têm a imagem do osso guardada dentro de determinado armário (FELIPE, 2014, p. 44).

⁴ Reagan rebate: “Pelo simples fato de a morte privar o animal da possibilidade de viver experiências compatíveis com a forma de vida na qual aparece ao mundo, a morte é um dano irreversível!” (FELIPE, 2014, p. 63).

⁵ SCHOPENHAUER, 1995. p. 176.

nesta já referida obra, a responsabilidade do judaico cristianismo quanto a tal prejuízo.

Dessa forma, a incoerência da filosofia tradicional moralista é gritante. Os valores de universalidade e imparcialidade exigidas pelo princípio de justiça são negligenciados. O imperativo de caridade advinda do cristianismo é tripudiado. Sequer o raciocínio lógico é respeitado; pois, se é possível maltratar um ser por ele ser desprovido de (certo nível de) razão, não poderíamos tranquilamente aceitar o assassinato de pessoas com transtornos mentais, pessoas sem atividade cerebral, bebês ou gente muito idosa? Em consequência, se formos convencidxs de que determinadas etnias têm baixo nível mental, ou que sua consciência têm menor valor, por quê não poderíamos compactuar com um novo tipo de *Holodomor*?

Ética metafísica

O que é facilmente observável, a ponto de se tornar um axioma nas premissas apresentadas por Schopenhauer, é que todxs os seres querem viver. Pelo *motivo suficiente*, princípio da causalidade, as plantas recebem estímulos enquanto os animais humanos e não humanos recebem motivações. É esta *coisa em si*, a vontade, presente em todxs – que apenas quer, tanto o bem quanto o mal – a manifestação no mundo através do tempo, espaço e através da expressão do sofrimento latente em cada ser⁶.

Por causa dos motivos, nós animais desenvolvemos as *faculdades intelectuais* que abarcam o conhecimento, a inteligência, o entendimento e o intelecto. Quanto menos habilidades naturais um animal recebe, mais ele precisará desenvolver as faculdades intelectuais. Eis porque nossa razão tem

⁶ SCHOPENHAUER, 1995, p. 132-141.

um grau mais desenvolvido do que os outros animais, em vista de nossa debilidade natural no que tange às capacidades físicas de sobrevivência e até para suprir necessidades espirituais como o entretenimento, diz Schopenhauer. Apesar de não descartar a importância da razão – mãe da filosofia com o movimento dialético – o saber intuitivo é a sua raiz. Assim, Schopenhauer tira a razão do pedestal e a coloca num campo comum como uma faculdade que apenas garante a conservação de nossa espécie, além das nossas demais funções orgânicas. O grau que nos animais não-humanos se faz “intuição”, em nós se faz “razão”; isso acontece porque enquanto nos primeiros existe apenas uma representação do sensível, em nós existe o alcance da representação abstrata: pensamos o tempo histórico e criamos conceitos. Mas esta pequena diferença não nos permitiria um entendimento especista a considerar moralmente os animais apenas por eles se aproximarem da nossa espécie; para Schopenhauer, isso seria um equívoco, pois o que importa é a essência dos animais humanos e não-humanos: o sofrimento (relativo ao espírito) e a dor (relativa ao corpo físico)⁷.

Dessa forma, Schopenhauer se contrapõe veementemente a Kant, pelo fato de este último basear seu sistema ético em algo secundário, como a razão. Além disso não seria possível, para Schopenhauer, a afirmação kantiana de que todo ser racional é um “fim em si”, pois a vontade é o motivo e guia comum – em toda espécie animal. É a vontade que opera como causa das ações morais, e não o imperativo categórico. Prova disso está no principal princípio ético para Schopenhauer: “*Não prejudiques a ninguém, mas ajuda a todos o quanto possas*”. Neste princípio se encerram duas virtudes cardeais, a saber, a justiça e a caridade, ambas movidas pela

⁷ SAN MARTÍN, 2014, p. 12-16.

compaixão. Eis o fator genuíno e espontâneo que faz as pessoas protegerem as outras de seus próprios apetites normalmente maus (princípio de justiça). Este sentimento nobre também leva os seres a agir em favor uns dos outros, por mais difícil que signifique em determinado momento o ato de ajudar (princípio de caridade). Apenas quando agimos verdadeiramente em consideração ao outro ser, temos uma ação valorosa que vence as barreiras do *princípio de individuação*, ou seja, daquilo que me faz entender como “eu” diferente do “outro”; em suma, do egoísmo, daquilo que nos faz pensar a nós mesmos como seres únicos, sem relações imediatas com os outros seres – a ilusão que Schopenhauer chama, ao emprestar um termo hindu, de Véu de Maia⁸. Ou, melhor ainda, nas próprias palavras do filósofo:

Pois a compaixão ilimitada por todos os seres vi-vos é o mais firme e seguro fiador para o bom comportamento moral e não precisa de nenhuma casuística. Quem está cheio dela não causará seguramente dano a ninguém, não prejudicará ninguém, não fará mal a ninguém, mas, antes, sendo indulgente com todos, a todos perdoará e a todos ajudará, quanto puder, e todas as suas ações trarão a marca da justiça e da caridade. (...) Dizia a oração (dos indianos): Possam todos os seres vivos ficarem livres da dor⁹.

O sofrimento e a capacidade de se compadecer é o que temos em comum com os demais tipos de animais, algo intuitivo, genuíno, que dispensa sistemas complexos, mas que em si mesmo é de complexidade tal que apenas a metafísica pode especular – e não desvendar – o fenômeno da

⁸ Cf. SCHOPENHAUER, 1995, §18.

⁹ SCHOPENHAUER, 1995, p. 171.

compaixão que embasa a moral. Schopenhauer ilustra tal afirmação com a verídica história do caçador de elefantes que, ao encontrar sua presa no dia seguinte, se surpreende com o filhote da elefanta morta: o pequeno elefante não abandonou o cadáver de sua mãe como fizera o restante da manada, mas passou a noite toda no local. E ao avistar o caçador que se aproximava, o elefante expressou gestos que sugeriam pedidos desesperados de socorro. Frente ao compadecimento do elefantinho, o caçador também se apiedou, arrependeu-se e percebeu que cometeu um real assassinato. Mais uma vez Schopenhauer nos chama a atenção para a extensão da bondade entre todas as espécies. Logo, quem é insensível à dor dos animais não poderá ser um bom ser humano, pois a raiz da compaixão é a mesma para todos nós¹⁰.

Conclusão: pela ética animal

Manter a razão como critério para a moral e fixar a moral do dever “abre brecha” para que nos distanciemos e maltratemos os outros seres. Se, ao olharmos para os outros, nós apenas enxergarmos limitações físicas ou intelectuais, além de um “outro” que nada tem a ver com o “eu”, nossa tendência será agir por tudo o que rodeia o egoísmo: ódio, desconfiança, desprezo, ignorância, etc. Ao sufocar o bem, me parece que sufocaríamos também o belo. Dessa forma, criaríamos uma cadeia de dominação, em que apenas quem detém o poder seria bem-sucedido na empreitada da vida. Trataríamos (como se fosse só uma hipótese!) os animais não-humanos como objetos e as mulheres como animais... as brancas como cães e as

¹⁰ SCHOPENHAUER, 1995, p. 180.

negras como mulas...¹¹ Repetiríamos com outros seres o que foi feito com xs islâmics na Bósnia e com xs curdxs nos anos 80; com xs comunistas na América Latina e Vietnã nos anos 70; com xs afegãs em 2001; com xs iraquianxs em 2003...¹²

Mas se, ao contrário, ao olharmos para os outros e enxergarmos suas fraquezas, dores, necessidades e medos; então através da identificação, da simpatia surgida entre nós e os outros – o que Schopenhauer faz referência o provérbio sânscrito “isto és tu” (“tat-tvam asi”) – haveria uma rede de cooperação guiada pela compaixão. A moral reconhecidamente seria firmada na natureza sensível. Nenhum ser, portanto, poderia cair na exclusão e na indignidade, porque todos são iguais diante da capacidade de sentir e da “universalidade da dor”. O sol do amor resplandeceria a fazer céu o que hoje mais nos parece como um profundo umbral.

A maior contribuição de Schopenhauer foi rumo a uma filosofia moral crítica, que aduba o campo da ética inclusiva dos animais. Tal filosofia, não prioriza os conceitos e relações abstratas, mas sim ultrapassa o princípio da individuação e contempla a Vontade de viver de todos os seres. Destarte, o Véu de Maia, que nos faz cometer maldades, até contra nós mesmxxs, é abandonado. Compreendemos que tanto a dor quanto o prazer fazem parte da vontade, mas, ao suprimir a ilusão, colocamos em seu lugar as ações genuínas de bondade, fraternidade; independente da raça, etnia, gênero, espécie, etc.

¹¹ COLLINS, apud WHITE, 2016, na parte do subtítulo *O significado de autodefinição e autoavaliação* (sem numeração de páginas).

¹² FELIPE, 2014, p. 158.

Assim, Schopenhauer se serve do essencialismo (*todxs* somos um na vontade, bem como na dor) e do extensionismo (esse “*todxs*” inclui os animais sencientes, não-humanos) para ultrapassar e denunciar a pseudo ética, calcada apenas nas aparências.

Vencer as aparências pode significar desdobrar-se no movimento filosófico que, na minha opinião, tem compromisso com a ética, política e verdade – por mais anti-schopenhaueriano que tal afirmação possa soar! Por isso, a importância desse pensador pessimista enquanto aponta sua mordaz crítica à razão que, dessa maneira, fortalece a filosofia moral crítica e, conseqüentemente, abre espaço para a longa construção de base para a emancipação das mulheres, dos homens, dos animais e da terra.

Referências bibliográficas

- COLLINS, P. H. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e Estado, Brasília, v.31, n.1, p. 99-127, jan./abr.2016.
- FELIPE, Sônia T. **Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas**. 2.ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- SAN MARTÍN, María Jesús Saravia. **Hacia la superación ética del especismo: unidad y esencialidad de todos los seres en la voluntad de vivir schopenhaueriana**. Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales, año 1, vol. 1, 2014.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o Fundamento da Moral**. Tradução de Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 1995.